



Espaço discursivo e proximização no discurso neoconservador brasileiro: articulando a linguística cognitiva aos estudos críticos do discurso

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5592-8098>

paulosegundo@usp.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir como o estudo do posicionamento, da distância e da movimentação espacial, temporal, epistêmica e axiológica no espaço discursivo pode ser produtivo para a análise cognitivo-discursiva do processo de legitimação e de mobilização de ações sociais. Para isso, discutimos inicialmente as bases teóricas da abordagem linguístico-cognitiva dos estudos críticos do discurso (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014; 2017; HART, 2014), o conceito de espaço discursivo (CHILTON, 2004) e seus desdobramentos na Teoria da Proximização (CAP, 2013; HART, 2014). Posteriormente, aplicamos as ferramentas desse construto teórico-metodológico para analisarmos três instâncias do discurso neoconservador brasileiro contemporâneo, com especial destaque a uma forma particular de construção de anticomunismo: a representação do avanço da agenda, das ideias e das políticas de esquerda como uma forma de legitimação de um discurso de intervenção que envolve a mobilização das forças armadas pelo clamor popular. Depreendemos que tal esforço de legitimação envolvia, em primeiro plano, proximização temporal e axiológica e, em segundo plano, proximização espacial e epistêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectivação conceitual; Linguística Cognitiva; Estudos Críticos do Discurso; Espaço Discursivo; Proximização.

Discourse space and proximization in brazilian neoconservative discourse: combining cognitive linguistics and critical discourse studies

ABSTRACT

This paper aims to discuss how the study of spatial, temporal, epistemic and axiological positioning, distance and movement in the discourse space can be productive for the cognitive-discursive analysis of the legitimation and mobilization of social action. To do so, we initially discuss the theoretical grounding of the Cognitive Linguistic approach to Critical Discourse Studies (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014; 2017; HART, 2014), the concept of discourse space (CHILTON, 2004) and its further developments into the Proximity Theory (CAP, 2013; HART, 2014). Subsequently, we apply the tools of this theoretical and methodological construct to analyze three instances of the contemporary Brazilian neoconservative discourse. We focus our attention on a particular form of anticommunist stance: the representation of the advancement of the left (their agenda, their ideas, their policies) as a form of legitimizing a military intervention through the support of the people. As a result, we detected that this legitimization effort encompassed, primarily, temporal and axiological proximization and, only secondarily, spatial and epistemic proximization.

KEYWORDS: Construal; Cognitive Linguistics; Critical Discourse Studies; Discourse Space; Proximization.



Ao citar este artigo, referenciar como: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Espaço discursivo e proximização no discurso neoconservador brasileiro: articulando a linguística cognitiva aos estudos críticos do discurso. *Matraga*, v. 30, n. 59, p. 284-301, maio/ago. 2023.

DOI: 10.12957/matraga.2023.74294

Recebido em: 15/11/2022

Aceito em: 19/03/2023

1. Introdução

“O Brasil está virando a Venezuela” foi um enunciado repetido à exaustão nos últimos dez anos em nosso país. Proferido por neoconservadores¹ em resposta ao avanço do discurso e das políticas públicas progressistas, o enunciado buscava (e ainda busca) alertar acerca do “perigo” de (supostamente) estarmos, gradual e presentemente, nos aproximando, em termos de valores, práticas e políticas, daquilo que seria inaceitável – o “comunismo”, representado metonimicamente pelo nosso vizinho sul-americano, a Venezuela.

Parte fundamental do poderoso efeito que esse enunciado gerou no país deve-se à forma como ele é construído – em termos linguístico-cognitivos, à sua perspectivação conceptual (construal)². A construção verbal ‘está virando’, imperfectiva, progressiva, no presente, ativa uma conceptualização de que o processo de transformação do Brasil para Venezuela está em curso, está ocorrendo diante dos olhos de todos e não está sendo barrado. É algo que está temporalmente próximo dos leitores, e a trajetória é rumo a um estado axiologicamente indesejável, que não poderia ser de jeito algum finalizado, pois ameaça aquilo que os neoconservadores concebem como modelo de país. “O Brasil está virando a Venezuela” é, no fundo, um apelo para que algo seja feito para impedir esse processo: chegou-se inclusive a se defender a instalação de um novo regime militar...

Nosso objetivo, neste artigo, é discutir, amparados no arcabouço da abordagem linguístico-cognitiva dos estudos críticos do discurso (ALC-ECD), como podemos, pela linguagem, recrutar nossa capacidade cognitiva de perspectivar para posicionar, aproximar ou afastar – no universo discursivo que construímos textual e cognitivamente – entidades, eventos e circunstâncias em relação ao centro dêitico dos conceptualizadores, ou seja, ao seu aqui, agora, real e correto (aceitável), de forma a legitimar dadas visões sobre o mundo e a mobilizar ações sociais. Para promover tal discussão, dialogaremos, em especial, com a abordagem do Espaço Discursivo desenvolvida por Chilton (2004) e seus desdobramentos na Teoria da Proximização, proposta por Cap (2013), considerando as expansões realizadas por Hart (2014) e os debates que têm sido realizados em nosso país, como podemos observar em Gonçalves-Segundo (2016; 2017) e Cunha (2020).

Para ilustrar a produtividade da proposta, tomaremos como objetos de análise: (i) um tuíte do vereador do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro, publicado em 01 de abril de 2020; (ii) um excerto da entrevista que o cantor sertanejo, Sérgio Reis, concedeu à jornalista e colunista da *Folha de S. Paulo*, Mônica Bergamo, publicada em 17 de maio de 2020; e (iii) o discurso proferido pelo

¹ Entendemos, consoante Miguel (2016), que o neoconservadorismo no Brasil se constitui a partir de uma combinação entre libertarianismo (defesa do Estado mínimo), fundamentalismo religioso e anticomunismo (usualmente equivalente a antiesquerdismo e antipetismo).

² Para Langacker (2008, p. 43, tradução nossa), “o termo *construal* se refere à nossa habilidade manifesta de conceber e de descrever uma mesma situação de formas alternativas (*the term construal refers to our manifest ability to conceive and portray the same situation in alternate ways*)”. Por meio dele, imprimimos ao enunciado nosso ponto de perspectiva e nosso grau de comprometimento, dirigimos atenção para dadas entidades, eventos, propriedades e circunstâncias em detrimento de outras e selecionamos dadas categorias, invocando os conhecimentos a elas associados (CROFT; CRUSE, 2004; HART, 2014; GONÇALVES-SEGUNDO, 2017). Para detalhamento, cf. seção 2.2.



ex-presidente Jair Bolsonaro na manifestação realizada em frente ao Quartel-General do Exército em Brasília no dia 19 de abril de 2020, considerado dia do exército brasileiro. Esse material foi selecionado por permitir mostrar diferentes facetas dos processos de posicionamento e movimentação espacial, temporal, epistêmica e axiológica e por apresentar uma unidade discursiva em torno do discurso neoconservador.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: na seção 2, discutimos alguns pressupostos fundamentais da abordagem linguístico-cognitiva dos estudos críticos do discurso; na seção 3, debatemos o processo de posicionamento e de movimentação conceptual no espaço discursivo, considerando as variáveis espacial, temporal, epistêmica e axiológica; na seção 4, apresentamos a análise do material selecionado; por fim, tecemos nossas considerações finais.

2. A Abordagem Linguístico-Cognitiva dos Estudos Críticos do Discurso (ALC-ECD)

2.1. Contextualização

O diálogo entre a Linguística Cognitiva (LC) e os Estudos Críticos do Discurso (ECD) já tem cerca de duas décadas. Dentre seus marcos iniciais, podemos mencionar o livro *Analysing Political Discourse: Theory and Practice*, de Paul Chilton (2004), obra na qual o autor apresenta a primeira consolidação da sua teoria sobre espaços discursivos, e o livro *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*, de Jonathan Charteris-Black (2004), obra que propõe uma integração entre a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2003[1980]), a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2010[1995]) e a Linguística de Corpus (STUBBS, 1996; 2001)³.

Ainda que seja, até hoje, uma corrente minoritária nos ECD, que privilegiam perspectivas sociossemióticas para a instrumentalização das análises textuais realizadas – dentre as quais se destaca a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Michael Halliday (1985) –, é certo que o valor das operações de perspectivação conceptual (construal) tem sido cada vez mais reconhecido pelos estudiosos do texto e do discurso como poderosos instrumentos para construirmos hipóteses plausíveis sobre as formas pelas quais os enunciados são interpretados. De modo análogo, linguistas cognitivos têm se interessado cada vez mais pelo discurso, buscando testar a plausibilidade de seus modelos explicativos sobre a significação a partir de eventos sociossemióticos concretos.

Certamente, partindo dos dois marcos iniciais que mencionamos, foi a abordagem cognitivo-discursiva da metáfora que ganhou maior tração, com inúmeras contribuições mundo afora. No Brasil, são diversos os pesquisadores que têm se voltado a discutir o papel das metáforas no

³ Vale ressaltarmos que o diálogo entre os estudos discursivos e os estudos cognitivos antecede aos mencionados autores. Um exemplo de destaque é o trabalho de Teun van Dijk, que discute a relação entre cognição, linguagem e ideologia desde os anos 1990. A obra que consolida uma versão inicial desta abordagem é *Ideology: A Multidisciplinary Approach*, de 1998. Para uma visão introdutória, cf. van Dijk (2003). Para a versão mais atual da perspectiva do autor sobre as relações entre sociedade, discurso e cognição, cf. van Dijk (2014). Não o estamos incluindo no rol dos pesquisadores anteriormente mencionados, pois a perspectiva de cognição assumida por ele difere, em larga medida, dos pressupostos da LC e, conseqüentemente, da ALC-ECD.

discurso político (MORAIS, 2015; PALUMBO, 2013), no discurso religioso (MARTINS; SOUZA, 2023), no discurso científico⁴, na argumentação (VEREZA, 2007; GONÇALVES-SEGUNDO, 2020a), na representação de pessoas em situação de rua e das políticas públicas orientadas a elas (RESENDE, 2020; 2022), na representação de relacionamentos amorosos (GONÇALVES-SEGUNDO; ZELIC, 2016), na representação de imigrantes e refugiados (CORRÊA; MELO, 2020), dentre outros⁵.

Já os estudos sobre espaço discursivo, voltados a examinar de que maneira construímos conceitualmente universos discursivos conforme produzimos e interpretamos textos, localizando, posicionando e movimentando entidades e eventos em termos não só espaciais, mas também temporais, axiológicos e epistêmicos, não receberam a mesma atenção até cerca de dez anos atrás, quando Piotr Cap propôs a chamada Teoria da Proximização (CAP, 2013).

Nosso interesse, neste artigo, é justamente explorar esse caminho que recebeu menor atenção na ALC-ECD. Antes de fazer isso, contudo, julgamos importante apresentarmos alguns marcos teóricos gerais dessa perspectiva.

2.2. Conceitos fundamentais

Como parte da agenda crítica dos estudos do discurso, a abordagem linguístico-cognitiva está comprometida com “a denúncia de relações de poder e de dominação que oprimem e excluem para, assim, tentar viabilizar uma sociedade mais igualitária, justa e democrática” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018, p. 79) por meio da investigação do papel que o discurso e a significação exercem na legitimação e na mobilização de ações sociais e no funcionamento da ideologia e do poder na sociedade (CAP, 2020).

O que diferencia, fundamentalmente, a ALC-ECD de outras perspectivas crítico-discursivas são: (i) sua concepção de significado; (ii) suas ferramentas analíticas, oriundas das operações de perspectivação conceptual (construal), adaptadas do que Croft e Cruse (2004) inicialmente propuseram em termos do funcionamento geral das línguas; e (iii) a relevância dada à interpretação textual, uma vez que a Linguística Cognitiva (LC) é equipada com conceitos e categorias que permitem gerar hipóteses plausíveis acerca da conceptualização⁶, diferentemente de perspectivas funcionalistas, como a LSF, mais afinadas com a descrição do processo de produção textual.

Em termos da significação, a ALC-ECD (HART, 2010; 2014; GONÇALVES-SEGUNDO, 2017) partilha com a LC (GEERAERTS, 2010) o entendimento de que o significado é:

- flexível e dinâmico, isto é, permeável à adaptação co(n)textual, sensível às diferentes disputas que emergem na sociedade acerca do seu potencial referencial e aberto à mudança;

⁴ Vale conferir o excelente número especial da revista *Signo*, “Metáfora na ciência: entre cognição e discurso”, organizado por Solange Vereza, Francisco Ruiz de Mendoza Ibáñez e Fernanda Cavalcanti e publicado no início de 2023. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/issue/view/750>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

⁵ Aproveitamos para pedir desculpas a colegas que desenvolvem excelentes trabalhos sobre metáfora e discurso e que não foram aqui mencionados por questões de espaço.

⁶ Mais recentemente, alguns pesquisadores, como Christopher Hart (2019), têm se valido de metodologias experimentais para testar empiricamente a validade das hipóteses de conceptualização e seus efeitos concretos nos leitores/ouvintes/espectadores. Não é esse o caminho que seguimos em nossas pesquisas.



- enciclopédico, ou seja, intrinsecamente ligado às estruturas conceptuais e pré-conceptuais que formam nosso conhecimento de fundo, como *frames* (ZIEM, 2014) e esquemas imagéticos (GRADY, 2005). Isso implica entender que as construções, ou seja, os pareamentos entre forma e significado (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008), as unidades básicas da linguagem na perspectiva cognitivista, consistem em instruções para acessarmos o conhecimento enciclopédico: as construções lexicais ativam nós em nossas redes de conhecimento – os *frames* –, enquanto as construções gramaticais guiam a forma como integramos esses nós;
- baseado no uso e na experiência, isto é, constituído a partir da nossa vivência corporal em ambientes que são cultural e historicamente construídos. Em especial, a ALC-ECD enfatiza que as estabilidades de significação, sempre relativas e parciais, são decorrentes da historicidade. Isso implica compreender que os usos da linguagem ocorrem sob coerções que atuam tanto na produção quanto na interpretação de significado e que, portanto, não há liberdade plena no que diz respeito à forma pela qual os enunciados serão perspectivados conceptualmente. Em outros termos, há *construals* privilegiados e *construals* cerceados em diferentes eventos discursivos.

Para a LC e para a ALC-ECD, as operações de perspectivação conceptual (*construals*) são parte fundamental do processo de construção do significado e estão intrinsecamente ligadas ao processo de conceptualização. Em texto anterior, definimos conceptualização como “o processo cognitivo dinâmico envolvido na construção de significado pelo produtor e em sua reconstrução pelo ouvinte” e a perspectivação conceptual, como “a estruturação semântica da experiência materializada no enunciado” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017, p. 74).

Para Croft (2012), experiência diz respeito à nossa apreensão de algum aspecto do mundo, ao passo que o significado (ou a estrutura semântica) consiste em uma forma de representar tal experiência. Como partilhamos vivências em um mundo que nos é anterior e que é sócio-histórica e culturalmente constituído, a ALC-ECD chama atenção para a regularidade das experiências, para aquilo que é intersubjetivo e que é partilhado entre os conceptualizadores, o que convoca uma perspectiva não individualista para a noção de perspectivação conceptual⁷.

Logo, entendemos que a questão do *construal* vai além do que Croft (2012) propõe: ele não apenas serve aos objetivos dos interlocutores no discurso e não é somente limitado pela natureza da realidade e pelas convenções culturais das comunidades de fala (p. 18); ele também evidencia as nossas experiências comuns e, portanto, valores, atitudes e posicionamentos ideológicos partilhados, dando a ver como um dado conceptualizador, como membro de um grupo, tem concebido e percebido a realidade. Os *construals* carregam rastros da forma como grupos humanos têm concebido e percebido – ou seja, experienciado – o mundo.

⁷ Frisamos essa dimensão intersubjetiva do *construal*, ainda que reconheçamos que, no que se refere à interpretação, o processo seja, em última instância, pessoal – o que não implica ser singular, ou seja, as conceptualizações se aproximam e se afastam uma das outras em termos de graus, o que aponta para agrupamentos de similaridades e diferenças entre (grupos de) conceptualizadores.

Para fins de análise cognitivo-discursiva orientada à interpretação, entendemos que todo *construal* cria uma rota de conceptualização, ou seja, um conjunto de instruções responsáveis por guiar a forma pela qual o auditório⁸ interpretará o enunciado⁹. Uma vez que a significação é vista como enciclopédica, dinâmica e baseada no uso e na experiência (GEERAERTS, 2010), é necessário haver alguma forma de controle (ainda que parcial) da dispersão de conceitos, associações, inferências e simulações derivadas da construção linguística efetiva.

A perspectivização conceptual atua nesse controle, na medida em que, ao produzirmos um enunciado, (i) invocamos a estrutura de dados esquemas imagéticos e selecionamos categorias socialmente sancionadas para representar aspectos do mundo, incitando a recuperação de ricas informações advindas dos *frames*; (ii) associamos distintos domínios de conhecimento tanto para sustentar a compreensão de conceitos abstratos quanto para reconceptualizar os eventos a partir de outro domínio; (iii) dirigimos atenção para dadas entidades, eventos, circunstâncias e propriedades em detrimento de outras; e (iv) assumimos uma dada perspectiva (espacial, temporal, epistêmica e axiológica) em relação a certos eventos e entidades. Tudo isso convida o leitor/ouvinte a “reconstruir” a experiência do outro, gerando uma nova conceptualização posicionada, guiada (ainda que nunca determinada) pelo modo de dizer, conceber e perceber do outro (e de seu grupo).

No quadro 1, Hart (2014), baseado em Croft e Cruse (2004), relaciona as operações de perspectivização conceptual (ao centro) a estratégias discursivas (primeira coluna) e sistemas cognitivos (primeira linha). Como o leitor poderá inferir, o quadro localiza os processos que acabamos de descrever (de (i) a (iv)). Por questões de espaço, não entraremos em detalhes sobre todas as operações, mas sugerimos a leitura de Gonçalves-Segundo (2017) para uma exploração do seu potencial em língua portuguesa.

QUADRO 1. Tipologia das operações de perspectivização conceptual (*construal*)

Estratégia	Sistema	Gestalt	Comparação	Atenção	Perspectiva	
Configuração Estrutural		Esquematisação				Operações de perspectivização conceptual
Enquadramento			Categorização			
			Metáfora			
Identificação				Foco		
				Granularidade		
				Quadro de visualização		
Posicionamento					Ponto de vista	
					Dêixis	

Fonte: Adaptado de Hart (2014, p. 111).

⁸ Entendemos, consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002[1958]), o auditório como o conjunto daqueles que o orador (o conceptualizador que enuncia, do ponto de vista cognitivo-discursivo) almeja influenciar com o seu discurso, seja em termos de crenças, seja em termos de ação.

⁹ Vale ressaltar de antemão que estamos falando da interpretação potencial (e não da interpretação efetiva), uma vez que isso é inacessível ao analista que não se vale de aparato metodológico experimental.

Para este artigo, importa-nos discutir de que forma o sistema cognitivo de perspectiva, que nos permite simular o posicionamento, a distância e a movimentação de entidades no espaço, a partir de pontos de visualização distintos, constitui as bases para que, no fluxo textual, possamos estrategicamente localizar, posicionar e mover entidades, eventos e circunstâncias não só em termos de distâncias espaciais, mas também temporais, epistêmicas e axiológicas, para geração de efeitos perlocutórios e retóricos diversos, decorrentes da construção de rotas de conceptualização que convidam o auditório a adotar um dado ponto de vista, coincidente ou não com o centro dêitico do *self* conceptualizador que enuncia. Faremos tal discussão em detalhe na seção 3 deste artigo.

Para finalizar esse arrazoadado teórico, vale apontarmos que a ALC-ECD consiste em uma abordagem que endossa a convocação feita por Geeraerts (2016) de que a Linguística Cognitiva precisa reconhecer com seriedade que a linguagem também é um instrumento intersubjetivo, histórica e socialmente variável, o que perpassa repensar algumas conceituações e metodologias para enfrentar a problemática de que a significação e o uso da linguagem transcendem o indivíduo, o uno. No fundo, a ALC-ECD já é uma resposta nessa direção, ainda que com um objetivo bem específico: compreender a relação entre linguagem, cognição e discurso em termos dos seus potenciais efeitos concretos na vida das pessoas no que se refere a relações de poder, exploração, submissão, resistência e empoderamento.

3. O posicionamento, a distância e a movimentação espacial, temporal, epistêmica e axiológica no espaço discursivo

A Teoria do Espaço Discursivo (CHILTON, 2004) e as abordagens dela derivadas, como é o caso da Teoria da Proximização (CAP, 2013; HART, 2014), partem do princípio de que os conceptualizadores constroem, no processo de produção e de interpretação textual, um universo discursivo mental deiticamente orientado, ou seja, um espaço em que entidades, eventos e circunstâncias são localizados a uma certa distância do *self* e podem, ao longo do processo de (re)construção de significado, movimentar-se, seja aproximando-se, seja afastando-se desse *self*.

O espaço do *self* é denominado centro dêitico e representa “o ponto de vista vigente do falante/ouvinte no ‘espaço’ social, temporal, epistêmico e axiológico” (HART, 2014, p. 164, tradução nossa)¹⁰. Aqueles que são construídos como compartilhando o aqui, o agora, o real e o correto/aceitável são entendidos como membros de um mesmo grupo, formando o nós ao qual o *self* se integra. A ideia central é a de que, no fluxo textual, entidades e eventos são posicionados a uma certa distância do centro dêitico e podem, a depender da perspectivação conceptual, permanecer ou mudar de posição, gerando efeitos perlocutórios e retóricos distintos a depender da forma como isso é construído e processado.

¹⁰ No original: “the speaker/hearer’s current point of view in social, temporal, epistemic and axiological ‘space’”.

Cap (2013; 2020) mostra que perspectivas conceptuais de aproximação de membros do exogrupo (eles), seja espacial ou axiologicamente, ao espaço do endogrupo (nós) constroem sentidos de invasão e de ameaça, que são mobilizados para legitimar políticas intervencionistas (o estudo de Cap (2013) mostra como isso ocorreu para legitimar a guerra do Iraque). Gonçalves-Segundo (2016) observou estratégia similar na legitimação de ações contrárias à realização dos ditos rolezinhos em *shopping centers* brasileiros em 2014, que culminou na concessão de diversas liminares que impediram o acesso de grupos de adolescentes a determinados estabelecimentos comerciais em todo o país. Cunha (2020), por sua vez, mostra uma faceta distinta da movimentação epistêmica e axiológica: o seu uso estratégico no ativismo digital feminista negro e lésbico como forma de delimitar o conjunto de valores, crenças e práticas que são considerados, de fato, pertinentes para que algum ator social seja efetivamente reconhecido tanto como membro do endogrupo quanto capaz de negociar o vínculo desses atores com o endogrupo pela revisão de suas crenças, atitudes e comportamentos. Com isso, a pesquisadora mostrou o potencial dessas estratégias no âmbito da formação política.

Cognitivamente, o que fundamenta a proposta é a nossa capacidade cognitiva de perspectivar¹¹. Segundo Filardo-Llamas, Hart e Kaal (2015, p. 235, tradução nossa),

Uma habilidade cognitiva fundamental que parece ser crucial para a construção de significado na linguagem é a capacidade de assumir uma perspectiva (LEVINSON, 2003; TALMY, 2000). No mundo real, nós adotamos necessariamente uma perspectiva espacial que muda continuamente à medida que navegamos o ambiente físico. Igualmente, nós experienciamos perspectiva quando lembramos, empatizamos ou julgamos. Na compreensão discursiva, a qualquer momento do fluxo textual, o ouvinte é convidado a compartilhar a perspectiva particular do falante indicada pelos elementos presentes ou pressupostos no texto e definidos em um modelo mental.¹²

Logo, a construção de espaços discursivos estabelece uma rota de conceptualização que o leitor/ouvinte é convidado a seguir. Nesse sentido, ele pode identificar-se com o conceptualizador que enuncia, sentindo-se membro do endogrupo, ou dissociar-se dele, sentindo-se como membro do exogrupo, o que, claro, gera efeitos diferenciados. Em geral, o analista costuma tomar um ponto de vista, usualmente aquele do auditório (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002 [1958]) ao qual o discurso se orienta – dessa forma, a análise fica mais realista em termos da relação entre a perspectiva conceptual construída, a rota de conceptualização proposta e as inferências que todo analista precisa construir para gerar hipóteses de significado plausíveis a partir dos dados.

¹¹ Não confundir a capacidade cognitiva de perspectivar, ou seja, de assumir um ponto de referência espacial, temporal, epistêmico e axiológico, com a operação de perspectivação conceptual (*construal*). Perspectivações conceptuais incluem, conforme já mencionamos, uma diversidade de processos, calcados em distintas capacidades cognitivas, como atenção e comparação. Uma dessas capacidades é a perspectiva (*perspective*). É dessa última que estamos tratando.

¹² No original: “One fundamental cognitive ability which seems to be crucial for meaning construction in language is a capacity for perspective-taking (Levinson, 2003; Talmy, 2000). In the real world, we necessarily adopt a continually shifting spatial perspective as we negotiate the physical environment. Equally, we experience perspective in remembering, empathizing and judging. In understanding discourse, at any moment in the unfolding text, the hearer is invited to share with the speaker a particular perspective indexed by elements present or presupposed in the text and defined within a mental model”.



Em termos espaciais, uma entidade ou um evento pode ser posicionado dentro do espaço dêitico (aqui) ou fora dele (aí, quando mais próximo, ou lá, quando distante). Usualmente, o lá também acaba sendo o espaço do exogrupo, embora isso não seja necessariamente verdadeiro. Muitas vezes, o “problema” é a copresença do exogrupo no espaço dêitico “geográfico” do endogrupo. A distância entre as entidades no espaço pode ser construída para gerar efeitos perlocutórios e retóricos diversos: por exemplo, posicionar uma entidade ameaçadora à distância constrói um discurso de tranquilidade, de que não é necessário intervir de imediato; por outro lado, posicionar uma entidade ameaçadora nas fronteiras do centro dêitico do *self* colabora para a construção de um discurso de prontidão, que demanda ações imediatas para conter possíveis impactos negativos.

Falamos em proximização espacial (CAP, 2013; HART, 2014) quando recursos verbais ou não verbais constroem a aproximação física (ou geográfica) de entidades de fora do centro dêitico para dentro do centro dêitico, o que pode ocorrer no âmbito de uma oração, de um complexo oracional ou de toda uma narrativa. Não raro, tal movimentação é acompanhada de construções que indicam ou projetam o impacto da chegada dos membros externos ao centro dêitico.

A proximização temporal (CAP, 2013; HART, 2014) ocorre quando a delimitação entre passado, presente e futuro é obscurecida em favor de um efeito de “presentificação” – é como se o que ocorreu lá atrás continuasse perdurando e ainda estivesse ao alcance dos nossos sentidos e como se o que ainda fosse passível de ocorrer já estivesse acontecendo diante de nós. Em geral, o uso de aspecto imperfectivo (como o presente progressivo), o uso de marcadores temporais de antecipação (como já), construções adverbiais de iteratividade (como sempre) são marcas desse tipo de processo.

A proximização axiológica (CAP, 2013; HART, 2014) ocorre quando os valores, as crenças e as práticas do exogrupo são construídas como adentrando o espaço do endogrupo, o que pode ser visto como uma ameaça a (ou, inversamente, um enriquecimento de) seu modo de ver e de estar no mundo. Também podemos incluir no âmbito desse tipo de proximização os casos em que o centro dêitico do endogrupo é construído como se estivesse se deslocando rumo aos valores, crenças e práticas do exogrupo, o que pode ser visto como algo positivo ou negativo, de modo análogo ao caso anterior.

Por fim, a proximização epistêmica – não discutida por Cap (2013), mas debatida por Hart (2014) e também por Cunha (2020) – diz respeito à aproximação de eventos (potencialmente) considerados pelo outro como irreais, impossíveis ou fictícios na direção do centro dêitico do endogrupo, ou seja, daquilo que o nós considera como real e plausível. São especialmente relevantes para isso os recursos evidenciais (MARÍN ARRESE, 2011; GONÇALVES-SEGUNDO, 2020b; SILVA, 2022).

Ainda que possam ocorrer separadamente, não é incomum, como bem mostram Cap (2013) e Hart (2014), que essas estratégias coocorram e se reforcem mutuamente, seja no âmbito de um único texto, seja no âmbito de um dado discurso, considerando sua distribuição em distintos textos.

Isso posto, passamos à análise do material que selecionamos para mostrar a produtividade desse arcabouço para o estudo das relações entre cognição, discurso, legitimação e mobilização de ação social.

4. Análise

Conforme mencionamos na introdução, o primeiro texto que analisaremos consiste em um tuíte do vereador Carlos Bolsonaro, filho do ex-presidente Bolsonaro (Texto 1). É importante recuperarmos dois elementos contextuais: a data, 19 de abril, que remonta à instauração do regime militar no país; e o fato de tratar-se de momento em que sabíamos ainda muito pouco sobre a pandemia e em que havia muita disputa sobre quais seriam as melhores medidas preventivas e quais seriam os impactos sociais e econômicos da sua implementação ou não – ademais, a categorização da COVID-19 como “gripezinha” pelo então presidente ainda gerava debates acalorados nas mídias tradicionais e digitais. Vejamos o tuíte:

TEXTO 1. Tuíte de Carlos Bolsonaro [Fotografia]

@ CarlosBolsonaro 1 de abril de 2020

“O desenho é claro: partimos para o socialismo. Todos os dependentes do estado até para comer, grandes empresas vão embora e o pequeno investidor não existe mais. Conseguem a passos largos fazer o que tentam desde antes de 1964. E tem gente preocupada com a fala do Presidente.”

Retuítos: 5.981. Comentários: 1.668. Curtidas: 29,2 mil. Bookmarks: 60.

Fonte: Twitter.¹³

Pensando em termos das operações de perspectiva, vale, em primeiro lugar, destacar o papel da construção “O desenho é claro”. Carlos Bolsonaro inicia seu tuíte dessa forma, incitando uma rota de conceptualização de que a narrativa que construirá deve ser entendida como real, ou seja, como incontroversa e que, por isso, merece a atenção de seu auditório preferencial: o endogrupo neoconservador. Trata-se, nesse sentido, de uma estratégia de proximização epistêmica: antecipa-se ao leitor que o que será enunciado – que poderia ser concebido como algo improvável ou apenas remotamente possível pelo endogrupo – deve ser visto como real, verdadeiro. Colabora, para isso, o fato de que o conceptualizador enunciator é, ainda, uma autoridade para tal grupo.

Logo na sequência, podemos observar a oração “partimos para o socialismo”. Partindo da metáfora conceptual de que MUDANÇA É VIAGEM (SARDINHA, 2007), o filho 02 (como é comumente chamado pelo então presidente) vale-se de um verbo que perfila o início de um percurso espacial para, no fundo, tratar de uma movimentação que é axiológica: o sujeito elíptico nós, metonímico com a nação, é construído como trajetor (LANGACKER, 2008), a entidade em deslocamento, que se encontra no início de uma jornada em direção a um dado destino (o marco), no caso, o socialismo, processo evidenciado pela preposição *para*. Como destino, o socialismo é concebido como distante do centro dêitico autoral, que, por oposição, é delimitado pelo capitalismo. Por conseguinte, o que estaria ocorrendo seria um deslocamento do próprio centro dêitico no eixo axiológico, que se aproximaria daquilo que seria avaliado, pelo endogrupo, como

¹³ Disponível em: <<https://twitter.com/CarlosBolsonaro/status/1245323223459409920>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

errado, imoral, inaceitável. O processo já estaria em curso e, por conta disso, seria algo difícil de barrar e, certamente, ameaçador.

Na sequência, o que o enunciador faz é justamente descrever os eventos que materializam a transformação em curso: “Todos dependentes do estado até para comer, grandes empresas vão embora e o pequeno investidor não existe mais”. É importante destacar que tais eventos – característicos do socialismo, na perspectiva neoconservadora a que Carlos Bolsonaro se filia – são construídos no presente, comprimindo o que seria da ordem da futuridade ao agora, *construal* que intensifica a ameaça representada pela esquerda contemporânea, que não é nomeada, mas é facilmente recuperada como o “inimigo” nessa discursividade.

É justamente ela que constitui o sujeito do verbo *conseguir* no complexo oracional seguinte: “Conseguem a passos largos fazer o que tentam desde antes de 1964”. Tal construção é de extrema relevância no tuíte e, por isso, vale nos debruçarmos sobre ela com calma.

Em primeiro lugar, é fundamental observar que a construção adverbial *a passos largos* invoca a noção de velocidade, contribuindo, assim, para mostrar o quanto esse processo de deslocamento do centro dêitico no eixo axiológico se encontra acelerado.

Em segundo lugar, o vereador recupera o ano de 1964, ano da instauração do regime militar, procedimento que é relevante não só por conta da data em que o tuíte é publicado, como também por conta da ativação de nosso conhecimento sobre a suposta relação entre o comunismo e a ditadura militar. O discurso neoconservador encabeçado pelos bolsonaristas ecoa a tese de que o regime militar teria impedido a instauração de um golpe comunista no Brasil. Logo, mencionar essa data não só celebra o feito militar de ter protegido o país do comunismo, como visa a mostrar o quanto a ameaça esquerdista não estaria morta; afinal, eles “conseguem fazer o que tentam desde antes de 1964”. O verbo *tentar*, no presente, aponta para um esforço, para uma ação coletiva de buscar implementar algo, ao passo que o verbo *conseguir* perfila justamente o ponto em que o esforço se concretiza, gerando um resultado. Nesse sentido, o discurso constrói que tem havido sucesso da esquerda em implementar seu ideário e suas políticas, alcançando, no momento presente, sucesso naquilo que antes havia sido bloqueado pela ditadura. Carlos Bolsonaro, dessa forma, aproxima o passado do presente, mostrando que há continuidade nas ações da esquerda, que a ameaça fora apenas “refreada” (e não eliminada) pelo regime militar, encontrando hoje espaço para se manifestar de forma cada vez mais rápida.

Mediante isso, fica claro por que ele pode dizer ao final que não há motivos para nos preocuparmos com as falas do presidente – “E tem gente preocupada com a fala do presidente”. A real ameaça, o real inimigo, o real impacto são outros – o avanço da esquerda, do petismo, do comunismo. Um “inimigo como esse” não poderia, é claro, passar incólume. Tal ameaça precisa ser contida, como já ocorrera uma vez, em 1964. É nessa direção que o segundo texto de nosso *corpus* se dirige: trata-se de uma entrevista que o cantor sertanejo, Sérgio Reis, concedera à jornalista Mônica Bergamo, na *Folha de S. Paulo*, publicada em 17 de maio de 2020 (Texto 2). A entrevista é intitulada “Se o povo não pedir, o Exército não vai fazer nada, diz Sérgio Reis”. Por razões de espaço, focaremos apenas em um excerto, o mais relevante da entrevista em termos da relação entre posicionamento, movimentação e discurso de intervenção. Vejamos:

(Excerto do) **TEXTO 2**. Entrevista de Sérgio Reis a Mônica Bergamo [Fotografia]

“‘Esquece a política, se ponha no lugar do Bolsonaro’, diz o sertanejo. ‘Esse homem não dorme mais, pelo amor de Deus. É um cargo muito pesado, tem que ser capitão do Exército para aguentar. E se o povo não sair na rua pedindo Exército na rua, o Exército não vai fazer nada. A esquerda já está tomando conta’, afirma.”

Fonte: Jornal Folha de São Paulo.¹⁴

Interessa-nos particularmente o seguinte segmento: “E se o povo não sair na rua pedindo Exército na rua, o Exército não vai fazer nada. A esquerda já está tomando conta”. A fala de Sérgio Reis ecoa o discurso de Carlos Bolsonaro no sentido de construir um presente em que o pensamento e as políticas esquerdistas são dominantes. A construção *tomar conta* consiste em um predicador que representa um processo de ocupação forçada de espaços. Notemos que não é elaborado complemento algum desse predicador – nem é explicado, ao longo da entrevista, que espaços seriam esses que estariam sendo tomados pela esquerda. Essa vagueza parece caracterizar esse discurso; ela constrói uma sensação de totalidade, de que se trata de um processo inescapável e ubíquo.

Além disso, o presente progressivo, imperfeito – *está tomando conta* – é selecionado para evidenciar que se trata de algo em curso, que está visível para todos, agora. Soma-se a isso o adjunto *já*, que incita a conceptualização de que se trata de um processo cuja velocidade excede as expectativas, o que valoriza a força da esquerda e, certamente, legitima uma atitude mais enérgica para obstruir o seu avanço. O cantor é explícito em termos de qual seria a atitude necessária para conter esse avanço, ao afirmar: “E se o povo não sair na rua pedindo Exército na rua, o Exército não vai fazer nada”. A intervenção militar é vista como a saída para o problema, intervenção essa que dependerá de clamor popular. Seu discurso, nesse sentido, é mais um elo na cadeia de textos orientados a mobilizar a população contra o “inimigo comunista”, custe o que custar democraticamente¹⁵.

Logo, o que vemos no excerto do Texto 2 é a conjunção de uma estratégia de proximização temporal, em que o evento *tomar conta*, realizado pela esquerda, é comprimido do futuro para o presente, diante dos olhos do endogrupo neoconservador, em uma velocidade que supera a expectativa, e de proximização axiológica e espacial, na medida em que a vagueza da construção de Sérgio Reis parece apontar tanto para o fato de que o discurso, os valores e as políticas públicas esquerdistas estão se espalhando pelo país quanto para o fato de o número de esquerdistas estar aumentando, seu espaço de atuação estar se ampliado, de forma que eles podem ser encontrados em “todos os lugares” – na entrevista, o cantor dá algumas pistas desses “lugares”

¹⁴ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/05/se-o-povo-nao-pedir-o-exercito-nao-vai-fazer-nada-diz-sergio-reis.shtml>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

¹⁵ Certamente ficarão marcados na história da nossa democracia o ato de depredação do Congresso Nacional e as mobilizações em frente aos quartéis, que chegaram a durar mais de 60 dias, com manifestantes pedindo justamente intervenção militar e reversão dos resultados das eleições, em resposta à vitória do candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no pleito eleitoral de 2022. Chamamos a atenção para esses eventos, pois acreditamos que eles são momentos exemplares do poder de mobilização desse discurso que foi gestado ao longo de anos por setores neoconservadores do país e que foi reproduzido, com maior ou menor consciência sobre seus efeitos, por muitos atores sociais (dentre eles, o referido artista).



quando tece críticas à justiça (ao STF, particularmente), à política, à arte e à imprensa (incluindo a própria *Folha de S. Paulo*).

Por fim, vale discutirmos brevemente alguns aspectos da construção cognitivo-discursiva da perspectiva no discurso proferido por Bolsonaro em 19 de abril de 2020 no âmbito de uma manifestação que pedia o fechamento do congresso e intervenção militar, realizada em frente ao quartel-general do exército em Brasília (Texto e)¹⁶:

TEXTO 3. [Vídeo] Bolsonaro discursa em ato com pedidos de intervenção militar e aglomeração de manifestantes

“Eu estou aqui porque acredito em vocês... vocês estão aqui... porque acreditam no Brasil... nós não queremos negociar nada... nós queremos é ação pelo Brasil... o que tinha de velho ficou para trás... nós temos um novo Brasil pela frente... todos... sem exceção no Brasil... têm que ser patriotas... e acreditar... e fazer a sua parte... para que nós possamos colocar o Brasil... no lugar de destaque que ele merece... acabou... acabou a época da patifaria... é agora o povo no poder... [...] contem com seu presidente... para fazer tudo aquilo... que for necessário para que nós possamos manter... a nossa democracia... e garantir... aquilo que há de mais sagrado entre nós... que é a nossa liberdade... todos no Brasil... têm que entender... que são submissos à vontade do povo brasileiro... tenho certeza ((tosse)) todos nós juramos um dia dar a vida pela pátria... e vamos fazer... o que for possível... para mudar o destino do Brasil... chega ((tosse)) da velha política ((tosse)) agora... agora é Brasil ((tosse)) agora é Brasil acima de tudo e Deus acima de todos...”

Fonte: Jornal *O Globo*.¹⁷

Diferentemente dos discursos anteriores, a fala de Bolsonaro no Texto 3 enfatiza a localização e a distância em vez da movimentação, deixando-a implícita. A construção de espaços temporais axiologicamente determinados é marcante: o passado é a “época da patifaria”, “a velha política”, o que “ficou para trás”, enquanto o presente é o “novo Brasil”, “o povo no poder”, representado por sua gestão. Há esperança para o futuro, mas ele se encontra ameaçado; afinal, se é necessária a ação presidencial para “manter a nossa democracia e garantir a nossa liberdade”, é sinal de que, no presente, ambas estão sob risco. Se é necessário “mudar o destino do Brasil”, é porque a sua evolução segue um curso indesejado, pautado pela velha política (possivelmente em direção ao que caracteriza o “socialismo”, como indicara seu filho cerca de vinte dias antes).

O ex-presidente traça uma continuidade com o discurso da ameaça “esquerdista/comunista”, do suposto ataque à liberdade e à democracia, mas constrói-se como aquele que é capaz, com o apoio popular, de impedir tais avanços. Nesse processo, o uso estratégico da primeira pessoa do plural (como em “para que nós passamos manter... a nossa democracia... e garantir... aquilo que há de mais sagrado entre nós... que é a nossa liberdade”) e o uso de possessivos para demarcar seu vínculo com os manifestantes, construindo-os como parte de um mesmo grupo (“contem com seu presidente”), é relevante. Parte do *construal* do ponto de vista envolve justamente estabelecer quais entidades integram o endo e o exogrupo. Ao se integrar discursivamente aos

¹⁶ A transcrição do discurso seguiu parcialmente as normas do NURC (PRETI, 1999): apenas indicamos pausas com reticências e usamos parênteses duplos (()) para representar as tosses. Por fim, utilizamos [...] para indicar o ponto em que houve uma supressão de parte da fala do ex-presidente. O leitor conseguirá notar o corte, caso assista ao referido vídeo no canal do jornal *O Globo* no YouTube.

¹⁷ Disponível em: <<https://youtu.be/553D8VHl8Mo>>. Acesso em: 16 mar. 2023. Transcrição nossa.

manifestantes, Bolsonaro minimiza ao máximo a distância axiológica em relação ao grupo; estando de corpo presente naquele momento na manifestação, faz o mesmo em termos espaciais e temporais. Não é à toa que esse gesto e esse discurso foram interpretados por muitos como a materialização de uma escalada antidemocrática¹⁸.

5. Considerações finais

O objetivo deste artigo foi mostrar a produtividade da noção de espaço discursivo e o potencial das operações de perspectivação conceptual ligadas ao ponto de vista e à dêixis e, portanto, à construção do posicionamento, da distância e da movimentação de entidades e eventos em termos espaciais, temporais, epistêmicos e axiológicos, para os estudos críticos do discurso, especialmente para as abordagens interessadas no processo de interpretação textual.

Para isso, discutimos, inicialmente, as premissas da abordagem linguístico-cognitiva dos estudos críticos do discurso (ALC-ECD); depois, discorremos sobre as formas pelas quais a Teoria do Espaço Discursivo foi relida por Cap (2013) e por Hart (2014) para o tratamento do posicionamento, da distância e da movimentação espacial, temporal, axiológica e epistêmica, aportando reflexões que temos desenvolvido sobre tal objeto; por fim, aplicamos o arcabouço para a análise de textos que instanciavam uma posição neoconservadora sobre a realidade política brasileira, construindo a esquerda como um “monstro” que toma cada vez mais espaços, de forma cada vez mais rápida, estrangulando aquilo que é considerado como valioso pelo endogrupo, o que cria bases para a legitimação de formas de intervenção.

Esperamos, assim, ter contribuído para lançar luz a um importante recurso de perspectivação conceptual que ainda carece de pesquisas sistemáticas no país e cujos efeitos ainda estão longe de terem sido plenamente mapeados e apreendidos.

FINANCIAMENTO

O autor declara que este trabalho recebeu financiamento da CAPES por meio do Programa Institucional de Internacionalização (PrInt) (Número do Processo: 88887.694701/2022-00).

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não estar submetido a qualquer tipo de *conflito de interesse* junto aos participantes ou a qualquer outro colaborador, direto ou indireto, assim como respeitar as diretrizes éticas em pesquisas na área.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/discurso-de-bolsonaro-incentiva-desobediencia-e-e-escalada-anti-democratica-dizem-politicos/>>. Acesso em 19 mar. 2023.

REFERÊNCIAS

- CAP, Piotr. Critical Discourse Analysis – Theories, Methodologies, Domains. **Discourses on Culture**, n. 13, p. 215-254, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.36145/DoC2020.09>>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- CAP, Piotr. **Proximization: the pragmatics of symbolic distance crossing**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. **Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis**. London: Palgrave Macmillan UK, 2004.
- CHILTON, Paul A. **Analysing political discourse: theory and practice**. London; New York: Routledge, 2004.
- CORRÊA, Luciane; MELO, Livia. Flüchtlingswelle e ondas de refugiados: metáforas sobre refúgio e imigração na mídia online brasileira e alemã. **Contingentia**. v. 8, n. 2, p. 33-48, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/112459>>. Acesso em: 14 mar. 2023.
- CROFT, William. **Verbs: aspect and causal structure**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2012.
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA, Winola Weiss Pires. **Movimentação Epistêmico-Axiológica em canais de ativismo digital feminista: uma perspectiva multidisciplinar**. 2020. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-21052021-182819/pt-br.php>>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- DIJK, Teun A. van. **Ideología y discurso: una introducción multidisciplinaria**. Barcelona: Ed. Ariel, (Ariel Lingüística), 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. 2. ed. London: Routledge, 2010.
- FILARDO-LLAMAS, Laura; HART, Christopher; KAAL, Bertie. Introduction for the special issue on space, time and evaluation in ideological discourse. **Critical Discourse Studies**. v. 12, n. 3, p. 235-237, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/17405904.2015.1013480>>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- GEERAERTS, Dirk. Recontextualizing Grammar: underlying trends in thirty years of Cognitive Linguistics. In: TABAKOWSKA, Elzbieta; CHOINSKI, Michal; WIRASZKA, Lukasz (Orgs.). **Cognitive Linguistics in Action**. Berlin, New York: De Gruyter, 2010. p. 71-102.
- GEERAERTS, Dirk. The sociosemiotic commitment. **Cognitive Linguistics**. v. 27, n. 4, p. 527-542, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/cog-2016-0058>>. Acesso em: 14 mar. 2023.
- GOLDBERG, Adele E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A relevância da noção de perspectivação conceitual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise. **Letras**, n. 54, p. 69-100, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2176148529571>>. Acesso em: 14 mar. 2023.
- GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Convergências entre a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Cognitiva: Integração Conceitual, Metáfora e Dinâmica de Forças. **Veredas**, v. 18, n. 2, p. 32-50, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24951>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e prática social. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (Orgs.). **Análise do Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 79-103.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Exclusão e inclusão na mídia paulista: uma análise cognitivo-retórica da construção dos rolezinhos na Folha de S. Paulo. In: AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (Orgs.). **Estudos do discurso: caminhos e tendências**. São Paulo: Paulistana, 2016. p. 134-158. Disponível em: <<https://cied.fllch.usp.br/livro-i-cied>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Multimodal metaphors and practical argumentation: discussing rhetorical effects and modes of articulation between modalities / Metáforas multimodais e argumentação prática: discutindo efeitos retóricos e modos de articulação entre modalidades. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**. v. 28, n. 2, p. 801-844, 2020a. Disponível em: <<https://doi.org/10.17851/2237-2083.28.2.801-844>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Posicionamento epistêmico e argumentação: articulações entre evidencialidade, modalidade epistêmica e provas retóricas. In: PIRIS, Eduardo Lopes; RODRIGUES, Maria das Graças Soares (Orgs.). **Estudos sobre argumentação no Brasil hoje: modelos teóricos e analíticos**. Natal: EDUFRRN, 2020b. p. 99-142. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30395>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; ZELIC, Helena Capriglione. Relacionar-se é investir: ideologia, cognição e metáfora no discurso sobre relacionamento em revistas femininas para o público adolescente. In: NASCIMENTO, Lucas; MEDEIROS, Breno Wilson Leite (Orgs.). **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: heranças, métodos, objetos**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016. p. 64-91.

GRADY, Joseph E. Image schemas and perception: Refining a definition. In: GRADY, Joseph E. **From Perception to Meaning**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 35-56.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. London; Baltimore: E. Arnold, 1985.

HART, Christopher. **Critical discourse analysis and cognitive science: new perspectives on immigration discourse**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

HART, Christopher. **Discourse, grammar and ideology: functional and cognitive perspectives**. London; New York: Bloomsbury Academic, 2014.

HART, Christopher. Spatial Properties of ACTION Verb Semantics: Experimental Evidence for Image Schema Orientation in Transitive Versus Reciprocal Verbs and Its Implications for Ideology. In: HART, Christopher (Org.). **Cognitive Linguistic Approaches to Text and Discourse: From Poetics to Politics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019. p. 181-204.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar: a basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MARÍN ARRESE, Juana I. Effective vs. Epistemic Stance and Subjectivity in Political Discourse: Legitimising Strategies and Mystification of Responsibility. In: HART, Christopher (org.). **Discourse Approaches to Politics, Society and Culture**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011, p. 193-224.



MARTINS, Erik Fernando Miletta; SOUZA, Marcela Costa de. Metáforas multimodais na retórica neopentecostal. **Entrepalavras**. v. 12, n. 3, p. 266-286, set./dez. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.22168/2237-6321-32539>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro / From “Marxist indoctrination” to “gender ideology”: Escola Sem Partido (non-partisan school) and gag laws in Brazilian congress. **Revista Direito e Práxis**, v. 7, n. 15, p. 590-621, set. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/dep.2016.25163>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

MORAIS, Argus Romero Abreu de. **O pensamento inatingível**: discurso, cognição e metáforas emergentes distribuídas. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9W7MUA>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PALUMBO, Renata. **Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-21102013-191115/pt-br.php>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1958].

PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 4a. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1999.

RESENDE, Viviane de Melo. Deslocamento forçado e permanência vigiada, território e fronteira: metáforas de espaço na representação da situação de rua na Folha de S. Paulo / Forced displacement and guarded permanence, territory and frontier: metaphors of space in the representation of homelessness in Folha de S. Paulo. **Revista de estudos da linguagem**. v. 28, n. 1, p. 565-596, jan. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.17851/2237-2083.28.1.565-596>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

RESENDE, Viviane de Melo. Direito contra direitos? Uma polêmica do Largo de São Francisco na Folha de S. Paulo: reflexões crítico-discursivas. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**. v. 17, n. 3, p. 35-59, set. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2176-4573p56079>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

SARDINHA, Tony Berber. Metáforas de Lula e Alckmin nos debates de 2006 em uma perspectiva da Linguística de *Corpus*. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v. 7, n. 2, p. 139-164, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-63982007000200007>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

SILVA, Augusto Soares da. Evidencialidade/mediatividade, modalidade epistêmica e (inter)subjetividade. **Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, v. 1, p. 263-294, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.21747/16466195/ling2022v1a11>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

STUBBS, Michael. **Text and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture**. Oxford; Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.

STUBBS, Michael. **Words and phrases: corpus studies of lexical semantics**. Oxford; Malden: Blackwell Publishers, 2001.

VAN DIJK, Teun A. **Discourse and knowledge: a sociocognitive approach**. New York: Cambridge University Press, 2014.

VAN DIJK, Teun A. **Ideology: a multidisciplinary approach**. London; Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.



VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007.

ZIEM, Alexander. **Frames of understanding in text and discourse**: theoretical foundations and descriptive applications. Tradução por Catherine Schwerin. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014.

